

## LITERATURA

Senador José Sarney lança dois novos livros, um de poemas e outro de crônicas, e diz que o romance é um gênero em crise. Para o escritor maranhense, só a poesia, resultado de um gesto solitário, tem chances de sobreviver

## Poeta da solidão

Paulo Paniago  
Da equipe do Correio

Há longo corredor de muitas portas quando se chega ao sexto andar do Anexo I do Senado Federal. Todas as portas têm um mesmo dono, o senador José Sarney. Dentro, o ar-condicionado está ligado no máximo. É preciso atravessar a muralha de assessores, todos ocupados em dizer que ele se encontra ocupado, para chegar à sala de Sarney, ampla, como convém a um senador da República, cheia de fotos nas paredes. Sarney ao lado de Octavio Paz, Gabriel García Márquez, a filha, a esposa. Na ante-sala, sofás pretos e sóbrios, ladeados por duas molduras. Numa delas, irmã Dulce. Na outra, caricatura de Sarney feita por Pedrini.

Não é ali que ele escreve os livros — dois dos quais lança hoje, na biblioteca do Senado —, mas certamente é onde, em meio à circulação de tanta gente, que pode pensar na solidão, tema de boa parte dos poemas. "Acho que a poesia é um gesto solitário", diz o autor de *Saudades Mortas*, escrito na biblioteca pessoal de casa, à noite, ou bem

cedo, antes de encarar afazeres políticos. "O poeta tem um pouco do latifúndio da sua solidão, porque ela é imensa. É o lugar dentro de nós mesmos. Nesse lugar é que habita a poesia."

A mudança de gênero é natural para o maranhense de Pinheiro, ex-presidente da República, ex-presidente do Congresso Nacional. De modo que as crônicas de *Canto de Página*, coletânea dos textos que publica às sextas-feiras na *Folha de S. Paulo*, são resultado da disposição de Sarney de olhar para o momento presente. O subtítulo reforça: *Notas de um Brasileiro Atento*.

Brasileiro que virou presidente por força das circunstâncias. Preferia, sempre preferiu, ser literato. "A literatura é a grande vocação, é anterior à política. A vocação é mais forte que o destino." Começou com incentivo do avô que era professor primário e colecionava um caderninho periódico chamado *Enciclopédia Popular*, com vários assuntos em pauta. Depois, aos 7 anos, Sarney esticou a mão para um volume na prateleira. Era Casimiro de Abreu. Começava então a paixão pela palavra poética.

Ricardo Borba



JOSÉ SARNEY NO GABINETE DO SENADO: O ROMANCE PERDE TERRENO QUANDO PASSA A SER OBRA DE PRODUÇÃO COLETIVA

**"O POETA TEM UM POUCO DO LATIFÚNDIO DA SUA SOLIDÃO, PORQUE ELA É IMENSA. É O LUGAR DENTRO DE NÓS MESMOS. NESSE LUGAR É QUE HABITA A POESIA"**

JOSÉ SARNEY

## DO JORNALISMO À POLÍTICA

Depois foi o jornalismo. Aos 16 anos, fez concurso de reportagem para jornal maranhense *O Imparcial*. "Assis Chateaubriand dizia que a única pessoa que entrou para os Diários Associados por concurso fui eu." O jornal foi quem o conduziu à política. Mas também fixou as bases para o texto de criação ficcional. "Acho que também no jornalismo se pode fazer literatura. Os grandes textos jornalísticos são grandes textos literários. O Castelinho (Carlos Castelo Branco, colunista do *Jornal do Brasil*) fazia coluna diária com textos de alta qualidade." Aprendeu a importância da disciplina. Dorme pouco para, durante a noite na

biblioteca ou de manhã bem cedo, poder escrever. Sarney também é autor de *Os Maribondos de Fogo*, *Norte das Águas*, *Saraminda*, *O Dono do Mar*, *Sexta-feira*, *Folha* e *A Onda Liberal na Hora da Verdade*, os dois últimos coletâneas de crônicas.

Quando entrou para a Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1980, cumpriu o sonho, portanto. "Quem nasceu no Maranhão não pensa em ser presidente da República, mas pensa em entrar para a Academia. As parteras, quando o menino chora, dizem: 'Academia, Academia'. Temos grande participação de maranhenses na Academia."

Embora não se considere bom poeta, Sarney tem opinião sobre

## SEVIÇO



CANTO DE PÁGINA — NOTAS DE UM BRASILEIRO ATENTO



SAUDADES MORTAS

Livros do escritor e senador José Sarney. Editora Arx, 240 páginas e 152 páginas, respectivamente. Preços: R\$ 29,00 e R\$ 22,00. Lançamento hoje, às 19h, na biblioteca do Senado Federal (Anexo II, térreo)

o ofício. "Poesia é a arte de ver. A vocação de transfigurar as palavras é a arte da poesia. Você pega o gosto da palavra, emoções, momentos, instantes. O poeta procura transformar o mundo. Na poesia, a palavra não é a palavra, é uma coisa transcendente." Tanto que, acredita o senador, é a poesia que vai salvar a literatura. O romance está em crise, avalia Sarney, o gênero perde terreno à medida que deixa de ser produzido individualmente para "ser uma obra de produção coletiva", geralmente encomendada por um editor ávido de lucros. A poesia "não precisa de um mercado, ninguém lê. Não há mercado para consumir poesia". Ela está, portanto, a salvo.